

# As construções em *pasta*

No Alto Minho e em particular numa faixa do território que se estende entre os concelhos de Vila Nova Cerveira, Valença Monção e Melgaço existe um conjunto de construções nas quais se aplicou um material tradicional em granito – a *pasta*.

Orlando Ribeiro definiu a *pasta* como *uma prancha de granito, delgada e talhada com certa regularidade, não tanta que os seus lados se ajustem perfeitamente: nas vedações os elementos encostam-se uns aos outros; nas casas, as juntas levam sempre um reboco caído, mostrando um estranho aspecto listrado de alto e baixo.*

O granito branco - acinzentado era o mais utilizado para a construção em *pasta* mas empregava-se também o granito rosa, ou *granito de Monção* existente num afloramento litológico que se estende na direção da Galiza até Porriño.

Segundo Carlos Teixeira, o *granito de Monção é de textura porfiróide, levemente róseo, no geral com grandes cristais de feldspato, que se destacam da massa de grão médio e grosseiro constituente do resto da rocha ... as principais pedreiras encontram-se, quanto ao granito porfiróide, na região de Friestas, Gondomil e Lara.*

A pedra mais procurada para os esteios das latadas (*postes*) e os muros e casas em *pasta* era a da *pedreira do Salgueirinho* situada em Sanfins de Friestas por ser de grão muito homogêneo o que lhe confere grande resistência e impermeabilidade<sup>1</sup>.

O modo de extracção tradicional do granito começava, quase sempre, por escavar a terra à procura de uma rocha e logo que esta aparecia procedia-se ao seu corte, ou *rachar*<sup>2</sup>.

O processo atendia ao modo como a pedra estava organizada em diferentes planos de *clivagem* ou seja de linhas de corte<sup>3</sup>. Os pedreiros procuravam rachar o penedo segundo os *correrres da pedra* para o que podiam seguir duas orientações: a horizontal (ou do *levante*), ou vertical quer no sentido Norte-Sul, quer na orientação Este-Oeste (Afonso, 1982: 142).

Após terem optado pela melhor linha de corte, os pedreiros sinalizavam-na na rocha por pontos em barro (o *riscote*) sobre os quais abriam com ponteiros orifícios fusiformes (as *cunheiras*)<sup>4</sup>. Depois introduziam neles umas cunhas em madeira, geralmente de oliveira, que martelavam com maços até ficarem bem ajustados às paredes do orifício.

A seguir deitava-se água sobre as cunhas que ao dilatarem rachavam a pedra em tiras (a *pasta*) com cerca de 50 a 60 cm. de largura e um comprimento oscilando entre 1 e 3m. A espessura rondava os 10 cm. Por vezes saíam *pastas* duplas que eram abertas na obra, posteriormente<sup>5</sup>.

Mais tarde, as cunhas em madeira passaram a ser em ferro e foram depois substituídas pelos *guilhos de broca* ou *pinchotes* em aço com duas *palmetas* que criavam um orifício em V essencial para rachar a rocha. O processo veio a simplificar-se com o emprego da *agudadeira* que dispensou o uso de palmetas (Afonso, 1982:144-146).

O transporte da *pasta* para a obra utilizava, antigamente, carros de bois mesmo quando apareceram os camiões pois estes não podiam aceder às pedreiras pelos estreitos caminhos. As pedras iam para os *descarregadouros* situadas em locais mais acessíveis ao transporte por estrada<sup>6</sup>.

A construção das casas iniciava-se com a abertura dos caboucos com 50 cm de fundo onde as pranchas de granito eram colocadas ao alto e parcialmente enterradas formando o andar térreo. A parte restante da parede era em tijolo mas existem casas feitas inteiramente em *pasta*<sup>7</sup>.

Abertos os caboucos faziam-se os *cantos da obra* colocando em cada extremidade duas pedras em ângulo recto a servir de cunhais e ligadas por um fio que servia de nível para o alinhamento das outras pedras<sup>8</sup>.

Na execução dos paramentos procurava-se assentar as *pastas* de modo a reduzir o mais possível a largura das juntas. Depois de assentadas, as *pastas* eram recortadas por cima à mesma altura com uma marreta que se ia batendo em pequenas pancadas *escanando* a pedra e seguindo um fio estendido a servir de nível<sup>9</sup>.

Nas juntas aplicava-se argamassa de cal hidráulica do seguinte modo: fazia-se um molho de palha de centeio atada com um fio a um pau que se encostava a toda a altura do intervalo entre duas *pastas* e seguro por uma pedra. O outro lado da junta era, então, revestido com a argamassa. Depois desta *puxar* um pouco retirava-se o pau e continuava-se a proceder do mesmo modo para argamassar as outras juntas<sup>10</sup>.

Por ser em pedra não porosa, a *pasta* evitava as infiltrações de água e por isso a parede exterior ficava, quase sempre aparente enquanto que a do interior poderia ser rebocada com argamassa de cal e areia<sup>11</sup>.

A cal vinha do centro do País em comboio dentro de barricas de madeira e era *queimada* conforme as necessidades sendo *traçada* com areia para se fazer a argamassa<sup>12</sup>.

Os vãos das portas e janelas eram superiormente rematados por vergas em tijolos colocados verticalmente ou obliquamente em duas filas opostas, travados (ou *fechados*) ao meio por uma cunha. Nos interstícios das ombreiras colocavam-se pequenas pedras. Depois rebocavam-se os *fechos* com argamassa<sup>13</sup>.

Para a cobertura das casas mais antigas empregava-se a telha *canudo* e a telha *marselha* nas mais modernas<sup>14</sup>.

A utilização da *pasta* como material de construção revelava certas especificações que hoje são ponderadas nas opções para uma Arquitectura sustentável ambientalmente.

Logo na fase da exploração dos recursos naturais para a obtenção dos materiais, os métodos utilizados revelavam uma minimização dos impactos.

Evitava-se o mais possível a utilização dos maciços rochosos que coroavam os cimos dos montes, em muitos casos, inacessíveis aos meios de transporte utilizados e, por isso mesmo, onde era difícil fazer carregos e transporte da pedra.

Os pedreiros procuravam as rochas na meia encosta escavando-as sem causar danos nas linhas de água e no solo onde se cultivava, pastoreava ou florestava com espécies arbóreas como o carvalho, o sobreiro, etc. cuja madeira era utilizada na construção de casas de habitação e fabrico de alfaias, teares, rodas de moinhos, prensas de lagar, etc.

Fazia-se a fracturação da rocha no mínimo indispensável para satisfazer as necessidades das comunidades camponesas. Não se exportava pedra.

A arquitectura tradicional em *pasta* exigia menor quantidade de granito e implicava menos desperdício do que o sistema construtivo em perpeanho. Contrariamente a outros materiais (como o betão) a obtenção do granito em pranchas não implicava grande consumo energético. Era ainda de execução menos onerosa do que a realizada em perpeanho pois este exigia gruas e outros aparelhos de elevação das pedras e necessitava de mais mão de obra para picar e *esquadriar* a pedra.

A técnica utilizada no erguer dos muros e das paredes representava um saber-fazer de grande eficiência na procura da maior estabilidade e resistência aos esforços mecânicos e condições atmosféricas sem deixar de garantir condições de conforto térmico do seu interior.

Permitia ainda satisfazer a necessidade de construção de anexos rurais (cobertos, sequeiros, etc.) a um baixo custo o que também ajudou a resolver o problema da habitação para algumas famílias de menores rendimentos.

Usadas como vedação de campos - prados, as construções murárias em *pasta* constituem, para além de uma solução simples e eficiente, um elemento valorizador da paisagem agrária. Porém, com o definhamento das economias camponesas e o abandono da actividade agrícola associada à pastagem, muitos campos - prados deixam de o ser e podem vir a perder as suas vedações em *pasta* por não terem sido alvo de conservação.

Ao serem substituídos por outras soluções, desinseridas no contexto da identidade cultural das comunidades locais, menosprezar-se-á o saber - fazer tradicional e este correrá o risco de extinção. Em vez de se reabilitarem os velhos muros preferir-se-á construir de novo segundo modelos importados de que resultará a banalização da paisagem e aumentará o desperdício e o consumo de recursos naturais.

As casas de habitação e anexos em *pasta* também correm o risco de uma cada vez maior degradação se não forem alvo de intervenções para conservação e restauro. Existem já alguns casos de substituição de paredes em *pasta* por alvenaria de tijolo rebocado por cimento. Outras habitações acabam por ruir por completo e em lugar delas surgem construções de tipologias nada condizentes com a arquitectura tradicional.

No Alto Minho urge implementar uma política de Conservação e Reabilitação do Património enquadrada num modelo de desenvolvimento económico que acautele as diferenças culturais regionais e contribua para contrariar o crescente desemprego e o processo de despovoamento em curso permitindo às comunidades camponesas serem os agentes privilegiados na implementação de uma estratégia visando aquele objectivo. O que subsiste do saber - fazer no construir aguarda medidas de salvaguarda através de intervenções de reabilitação e conservação por profissionais qualificados nas técnicas construtivas tradicionais.

As construções murárias e as casas em *pasta*, constituem, entre outros, testemunhos de uma Arquitectura Popular que, após décadas de abandono e destruição, tem direito a ser considerada, não como uma reminiscência de um viver de dificuldades e miséria, mas antes como um legado de uma herança cultural a

preservar. Preservar, não numa perspectiva meramente patrimonialista, versus turística ou de rentabilização imobiliária, mas privilegiando a divulgação do saber - fazer tradicional que, incorporado em técnicas construtivas ambientalmente sustentáveis e identitárias, poderá alicerçar o futuro inovador.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> a <sup>4</sup> Alípio Nunes, Friestas, Valença.

<sup>5</sup> a <sup>14</sup> Diamantino Cunha, Chamosinhos, S. Pedro da Torre, Valença.

#### BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO, Orlando–A civilização do granito no Norte de Portugal (elementos para o seu estudo), 'Geografia e Civilização', pp. 24.  
TEIXEIRA, Carlos–Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 1-A (Valença). Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1956.

AFONSO- Manuel Pires-A Arte de Talhar a Pedra, Sep. 'Mínia', n.º 5, P.N.P.G., Braga, 1982

#### AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Alípio Nunes pela sua orientação na visita às pedreiras de Salgueirinho explicando-nos o modo tradicional da extracção do granito em *fasta*.

Ao Sr. Diamantino Gonçalves Cunha, de Chamosinhos, S. Pedro da Torre, Valença pelos esclarecimentos prestados e descrição do processo construtivo em *fasta*.

ANTERO LEITE  
A.C.E.R.-ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DE  
ESTUDOS REGIONAIS

A A.C.E.R. - Associação Cultural e de Estudos Regionais é uma Associação Cultural sem fins lucrativos com personalidade jurídica, registada no R.N.P.C. sob o n.º P 505844575 e que prossegue como objectivos estatutários: 'a inventariação, estudo e divulgação do Património Cultural; salvaguarda do Património Natural e Cultural; intercâmbio com outras associações congéneres nacionais e estrangeiras'. Como logótipo usa a folha do *Acer pseudoplatanus*, ou *Bordo*, espécie arbórea existente no noroeste montanhoso do País.

O grupo de sócios que constituíram a A.C.E.R. desenvolveu, desde 1988, a inventariação do Património Natural e Cultural do Alto Minho, uma parte do qual se encontra disponível no site <http://emi.valedominhodigital.pt>

Procurando implementar a continuidade da iniciativa e imprimir-lhe maior dinâmica, a A.C.E.R. está a desenvolver o projecto *Os saberes-fazer do passado no desenvolvimento rural do Vale do Minho* compreendendo 1) Pesquisa e inventariação visando aquilatar a existência, no Vale do Minho, de mão de obra habilitada nas antigas técnicas tradicionais de Conservação e Restauro, algumas em risco de extinção com descrição, registo em fotografia digital e vídeo, divulgação em site e livro do 'saber-fazer' de algumas daquelas técnicas incluindo o levantamento das expressões culturais tradicionais imateriais individuais e colectivas; 2) Sensibilização da comunidade escolar do Vale do Minho; 3) Proposta de realização, por entidades formadoras credenciadas, de cursos nas antigas técnicas de Conservação e Restauro.